

ARQUIVO 5

Turismo e Educação: a Apropriação do Espaço Urbano por Estudantes do Ensino Fundamental

Isabel de Oliveira e Silva¹; Virgínia Sofia Franco²

¹Doutora, Prof^a Adjunta, Centro Universitário UNA, Endereço, Rua Aimorés, 1.451
Belo Horizonte, MG. E-mail: isabel.os@uol.com.br

²Bacharel em Turismo, Mestranda em Turismo e Meio Ambiente,
UNA. E-mail: vsoufia@gmail.com

Resumo

Este artigo analisa uma experiência de pesquisa-ação com crianças do Ensino Fundamental de uma escola pública de Belo Horizonte cujo objetivo era o de desenvolver uma compreensão do turismo como atividade social, econômica e cultural que integra a vida da cidade. Além disso, pretendia-se proporcionar a essas crianças a realização de uma visita a um ponto turístico da cidade constituído por monumentos do seu patrimônio histórico-cultural. Neste artigo, apresentamos uma reflexão a respeito das relações entre a escola e a vida urbana e a análise da experiência à luz das relações entre escola, cidade e turismo. A análise dessa atividade permitiu perceber que o espaço urbano é vivido pelas crianças de forma restrita e que atividades dessa natureza podem proporcionar a ampliação das referências dos estudantes a respeito da cidade. Em relação às relações entre turismo e educação as análises realizadas reafirmam a importância da aproximação entre as duas áreas de conhecimento e intervenção. Tal aproximação revela-se importante tanto no que concerne à educação para o turismo quanto à utilização de práticas próprias dessa área como ferramenta de educação e ensino pelas escolas.

Palavras-chave: turismo e educação, turismo pedagógico, espaço urbano.

Tourism and Education: the Appropriation of Urban Areas by Elementary School Students

Abstract

This article aims at analyzing a research whose objective was to develop an understanding of tourism as social, cultural and economic activities as an integrating part of the city life as well as provide the students with sightseeing of some of the city's touristic landmarks. It was conducted with elementary school students from a public school of Belo Horizonte. We present, in the article, a reflection of the relationship between the school and the urban life as well as an analysis of based upon the relationship between the city, the school and tourism. The analysis of such activities allowed us realize that the urban area is little experienced by the children and that such activities may help broaden the students' minds in relation to the city. Regarding the relationship between tourism and education, the analysis revealed the need of a narrowing between the areas. Such narrowing between those two areas is crucial both when it comes to educating the children for tourism and the employment of practices of both areas as educational and teaching tools by the schools.

Keywords: tourism and education, pedagogical tourism, urban area.

Introdução

A preparação das comunidades, por meio de ações educativas para participarem das possibilidades econômicas e culturais trazidas pelo desenvolvimento do turismo é entendida, hoje, como elemento central das ações públicas e privadas voltadas para o setor. Passa, também, a figurar como elemento da reflexão teórica nas áreas do turismo, do patrimônio e do meio ambiente. Essa discussão, que perpassa grande quantidade de trabalhos (BLANCO, 2005; MERIGUE, 2005; SPEGLICH, 2003) carece, no entanto, de estudos específicos que a tomem como dimensão de análise tanto no que concerne às ações quanto à construção de referenciais teóricos para a compreensão e interpretação das potencialidades, dos riscos e dos benefícios da atividade turística de maneira geral. No que tange à participação das comunidades no desenvolvimento da atividade turística, dois elementos se destacam: o da disponibilidade da comunidade para o desenvolvimento de atividades relacionadas com o turismo, para o recebimento do turista; e, talvez o mais importante, o que se refere à participação nos benefícios que a atividade venha a trazer para a localidade.

Em outro trabalho (ÁLVARES et al., 2005) analisamos a disponibilidade das comunidades para o desenvolvimento da atividade turística, abordando diversos elementos, tais como a percepção dos possíveis benefícios para a comunidade, a disposição para tornar-se empreendedor e a disponibilidade para receber o turista. Dentre as conclusões desse trabalho, a dimensão da escolarização destacou-se como muito importante. As análises realizadas faziam referência à relação entre os níveis de escolaridade e a percepção a respeito do turismo e de suas possibilidades para contribuir com o seu desenvolvimento. Consideramos, no entanto, que se faz necessária a ampliação da reflexão sobre as relações entre o turismo e a escola formal.

Percebe-se na literatura uma crescente preocupação com a contribuição da escola nos processos de educação ambiental e patrimonial (FIGUEIREDO, 2002; CARSALADE, 2002; STARLING & SANTANS, 2002; SOARES et al., 2003, PORTUGUEZ, 2000), relacionados ou não com a atividade turística. Como contribuição a essa reflexão, buscamos, neste artigo, problematizar a relação acima aludida, a partir de uma de suas dimensões fundamentais: a contribuição da escola para o processo de apropriação da cidade por parte dos educandos, a qual envolve a educação patrimonial e ambiental, bem como a educação para o turismo, mas não se restringe a elas.

Já se encontra na literatura a expressão *Turismo Pedagógico* (ANDRIOLO & FAUSTINO, 2000; ANSARAH, 2005; HORA & CAVALCANTI, 2003) que, embora não possua ainda uma conceituação consistente, apresenta-se como designação para atividades desenvolvidas por escolas, algumas das quais contando, muitas vezes, com o trabalho de agências especializadas em viagens escolares.

Em nossas pesquisas temos nos dedicado a compreender as potencialidades dessa atividade, qual seja, as viagens escolares ou o *turismo pedagógico*, para o desenvolvimento curricular na educação básica (Silva et al.). Um amplo conjunto de questões tem sido construído e nos desafiado ao aprofundamento teórico e ao investimento em pesquisas empíricas com o objetivo de desvendar os elementos que constituem esse fenômeno, bem como os significados que ele assume para os diversos atores envolvidos. Dentre as questões que emergem das investigações em curso bem como nos debates que temos realizado, destaca-se a dimensão educativa das cidades e de seus monumentos, consideradas as relações culturais que

engendam. Essa questão, por sua vez, incita à reflexão a respeito da escolarização e da urbanidade como faces de um mesmo processo: o de instituição do projeto da modernidade na maior parte das sociedades ocidentais. É uma aproximação a esta questão que nos propomos a realizar a seguir, a partir de uma experiência de apropriação do espaço público desenvolvida com crianças e adolescentes de uma escola pública de Ensino Fundamental de Belo Horizonte.

A escola e a apropriação do espaço público

Em abordagem histórica das relações entre escola e espaço urbano, Faria Filho (2005) adverte para a inexistência de um único padrão. Dentre as formas que essa relação assume, destaca

“ o fato de a escolarização na modernidade ser um fenômeno observado primeiramente nas cidades e que o fortalecimento da escola como instituição de socialização está vinculado às grandes transformações que ocorreram nas cidades a partir do século XVI na Europa e no Brasil, a partir do século XIX.” (FARIA FILHO, 2005, p. 41).

Esse autor destaca ainda que a própria produção teórica dos ideários educacionais e urbanos nos últimos séculos é evidência do entrecruzamento dessas duas experiências históricas. Para ele, esses dois ideários inscrevem-se nas mesmas matrizes de pensamento tributárias da visão redentora das ciências e da racionalidade modernas. Além disso, a relação entre escolarização e cidadania presente no pensamento político e educacional moderno fez “coincidir a noção de urbanidade com a de escolaridade”. Afirma ainda que a escolarização e a urbanização são devedoras do processo de mercantilização da vida social sob a égide do capitalismo e, finalmente, que os estudiosos de ambas utilizam-se de ferramentas comuns para entenderem a experiência escolar e a experiência urbana. (FARIA FILHO, 2005, p. 42).

A despeito da convergência enquanto experiências históricas no contexto do projeto da modernidade, a inscrição da escola “nas teias de relações urbanas” se faz de modo complexo. Como instituição de socialização e aprendizado, a escola vai se defrontar, na cidade, “com outras formas de socialização que ora se lhe mostram complementares, ora francamente antagônicas, como a rua, os espetáculos públicos e a fábrica, por exemplo” (FARIA FILHO, 2005, p. 43). Na experiência urbana os diversos sujeitos, entre os quais as crianças e adolescentes, constroem sentidos variados, não submetidos aos controles da instituição socializadora e educadora por excelência: a escola.

Nessa direção, embora o movimento de transformação das práticas escolares na atualidade indique uma busca de alargamento da experiência educativa, elementos que estão na concepção da escola como instituição socializadora acabam por manter uma permanente tensão nas relações entre o escolar e o urbano. E uma das conseqüências dessa tensão talvez seja a dificuldade de incorporar a cidade no processo educativo escolar, não obstante as experiências inovadoras oficiais e não-oficiais dos últimos anos. Ainda assim, faz-se necessário lançar um olhar mais atento a tais experiências, na medida em que a própria busca de ampliação dos espaços pode, e por vezes é o que ocorre, tender a “escolarizar” os demais espaços públicos, convertendo a experiência de apropriação da cidade em experiência submetida às normas escolares, retirando-lhe a possibilidade de oferecer outras e múltiplas chaves interpretativas da vida social e da experiência individual dos educandos.

Em coerência com essas novas formas de pensar as relações entre a escola e as cidades, nas reformas curriculares realizadas no Brasil ao longo da década de 1990 percebe-se uma orientação em direção à ampliação dos espaços educativos. Tais reformas expressam um amplo movimento de renovação pedagógica que tem origem, em grande parte, na produção acadêmica dos anos 1980 e nos movimentos de docentes que apontavam o distanciamento da escola da realidade de vida de alunos e professores, dentre outros aspectos. Tais críticas referiam-se tanto aos conteúdos integrantes das propostas curriculares quanto aos processos de ensino-aprendizagem predominantes em nossa cultura escolar.

Expressão das novas concepções que passaram a orientar as propostas curriculares, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997) constituem-se em proposta de desenvolvimento curricular aberta, que valoriza a autonomia dos sistemas de ensino estaduais e municipais, bem como das escolas. Nessa direção, esse documento incentiva a inovação de conteúdos e métodos, revelando uma concepção de educação mais ampla do que os processos de ensino-aprendizagem de conteúdos e disciplinas específicas. A interdisciplinaridade é concebida não como uma opção, mas como condição para a abordagem dos fenômenos naturais e sociais caracterizados, cada vez mais, em sua complexidade.

Os PCN's, no entanto, não se apresentam como o motor das transformações que vieram a ser realizadas pelas redes estaduais e municipais de ensino em todo o Brasil. Ao contrário, esse documento reconhece que muitos dos princípios e orientações nele presentes têm origem em projetos de inovação desenvolvidos por estados e municípios, bem como em diversas experiências nacionais e internacionais (BRASIL, 1997).

Pode-se perceber grande ênfase colocada sobre as experiências que a escola proporciona ou pode proporcionar aos educandos, extrapolando listas de conteúdos a serem atingidos por meio do cumprimento de programas disciplinares. Baseada em uma visão de formação integral dos educadores e educandos, o desenvolvimento de competências e habilidades é entendido como resultado de processos diversos. Dentre eles, encontram-se a participação na vida social e a vivência cultural. Essa dimensão é claramente percebida na proposta pedagógica da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, por exemplo (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2002). Nessa proposta, na descrição de projetos de trabalho e atividades significativas que devem ser proporcionadas aos alunos, as excursões, visitas a exposições, dentro e fora da cidade constituem-se em atividades previstas.

A seguir, apresentamos uma re-leitura de um projeto de visitação ao Complexo da Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, com alunos do ensino fundamental.

A experiência na escola

Em 2003, foi elaborado um projeto de visitação de pontos turísticos da cidade de Belo Horizonte por três estudantes do curso de Turismo do Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI-BH (LOPES et al., 2004). O trabalho tinha como objetivo inicial desenvolver com os alunos de uma escola pública de ensino fundamental uma compreensão do turismo, refletindo sobre as características da cidade de Belo Horizonte no que se refere a essa atividade. Dois pressupostos orientaram a elaboração do projeto: 1) o turismo consiste em uma atividade social e econômica em geral desconsiderada pelos conteúdos escolares quando tratam dos

segmentos da economia local ou nacional (PORTUGUEZ, 2000). Nessa direção, entendia-se como importante tratar, com os estudantes de Ensino Fundamental, de questões conceituais que permitissem proporcionar-lhes a compreensão a respeito do que consiste a atividade, quais os elementos que a compõem, seus impactos sociais, econômicos e culturais, com ênfase na cidade de Belo Horizonte, sem perder de vista as questões gerais. 2) como atividade social, o turismo é inacessível a grande parte da população, o que correspondia à realidade das crianças da escola em que o projeto seria desenvolvido. Em relação a essa dimensão, o projeto pretendia despertar nos alunos o interesse em conhecer outros espaços de Belo Horizonte e alguns monumentos que compõem o seu patrimônio histórico-cultural de modo a ampliar suas referências a respeito da cidade. Com base nesses pressupostos, foi elaborado um projeto de trabalho desenvolvido em uma escola municipal da Região Oeste de Belo Horizonte, durante três semestres, com alunos de 5ª a 8ª série, entre os anos de 2003 e 2004. A cada semestre trabalhou-se com três turmas diferentes. A maior parte dos alunos residia na própria região e pertencia a famílias de baixa renda.

O projeto previa a realização de um encontro por mês, com duração de 4 horas/aula cada, durante três meses. O quarto encontro consistia de uma visita a algum atrativo turístico de Belo Horizonte. Foi definido o Complexo da Praça da Liberdade, incluindo o próprio palácio (aberto à visitação pública no último domingo de cada mês), a Praça da Liberdade e o conjunto arquitetônico do seu entorno.

O desenvolvimento das duas etapas do projeto - o trabalho na Escola e a visita - possibilitou algumas reflexões importantes a respeito da apropriação da cidade por parte de crianças e adolescentes escolares.

Metodologia

O projeto de visitação a pontos turísticos de Belo Horizonte com alunos do Ensino Fundamental caracterizou-se como um projeto de intervenção. Visava associar a intervenção propriamente dita com a construção de conhecimentos a respeito das possibilidades oferecidas pela escola formal para a educação das comunidades para o turismo. Nessa direção, trabalhou-se com a perspectiva da pesquisa-ação, embora não tenha incorporado todas as suas características. Esta modalidade de pesquisa caracteriza-se pela estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, na qual o pesquisador e os participantes representativos da situação estão envolvidos de modo cooperativo (THIOLLENT, 2005). No caso deste projeto, o problema colocado referia-se às possibilidades da escola como espaço de educação para o turismo e, ao mesmo tempo, proporcionar acesso a bens culturais da cidade a alunos de Ensino Fundamental. Nessa direção, não havia um problema colocado pelos alunos ou mesmo pelos professores da escola. Ainda que a escola e seus professores tenham permitido a realização do projeto, não foi possível envolvê-los no mesmo. Assim, os participantes efetivos da ação foram as pesquisadoras e os estudantes, permanecendo a direção do projeto nas mãos das primeiras. De acordo com Thiollent (2005) a dimensão da participação nos projetos de pesquisa-ação encontra, na literatura, definições variadas quando se trata das metodologias participativas em geral. Em alguns casos, a participação refere-se à participação do pesquisador em uma ação ou situação que se pretende investigar e, em outros, a ênfase é colocada na função colaborativa exercida pelos atores envolvidos no processo de construção do conhecimento. Esse autor, procurando superar as ambigüidades que envolvem essa modalidade de pesquisa afirma que

"uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação. Além disso, é preciso que a ação seja uma ação não-trivial, o que quer dizer uma ação problemática merecendo investigação para ser elaborada e conduzida." (THIOLLENT, 2005, p. 17).

É nesta perspectiva que o projeto a que se refere este artigo caracteriza-se como pesquisa-ação, na medida em que propôs-se a investigar as possibilidades de formação por meio de uma ação desenvolvida para esse fim. Os resultados dessa experiência encontram-se apresentados a seguir distinguindo-se as duas etapas que o constituíram: o trabalho na escola em forma de aulas junto aos estudantes e a visitação ao Complexo da Praça da Liberdade com as crianças, sob a coordenação das pesquisadoras.

A primeira etapa: o trabalho na escola

Todo o trabalho foi conduzido por estudantes de turismo, o que representou algumas dificuldades com a prática no interior da escola bem como na relação com grupos de crianças e adolescentes, já que não contavam com formação ou experiência na área pedagógica. Além disso, não houve interesse por parte dos professores da escola de Ensino Fundamental em acompanhar a experiência que seria desenvolvida. Assim, não foi possível desenvolver um trabalho integrado às demais experiências escolares dos alunos.

Os encontros mensais realizados na escola tiveram como objetivo trabalhar conceitos básicos da área, de modo a proporcionar uma compreensão a respeito da área do turismo como atividade social e econômica, bem como despertar o olhar para a cidade de Belo Horizonte enquanto cidade com potencial turístico. Esses encontros, organizados em forma de aulas, contaram com partes expositivas, brincadeiras e também com a projeção de um filme sobre os principais pontos turísticos de Belo Horizonte.

A primeira aula abordou o conceito de Turismo, de cultura, de patrimônio e os possíveis impactos positivos e negativos da atividade. O objetivo central desse encontro foi o de abordar o turismo como parte da vida social da cidade e, portanto, como algo que diz respeito a todos que nela vivem, independente do envolvimento com a atividade.

Entendendo o turismo, bem como a apropriação da cidade como o exercício do olhar, desenvolveu-se uma dinâmica com o objetivo de aguçar o senso de observação. Foram distribuídas aos alunos folhas de árvore. Os alunos tiveram um minuto para observá-la. Logo em seguida a folha foi recolhida. Depois as folhas foram misturadas e pediu-se que cada um, de forma organizada, identificasse a folha que havia sido por ele observada. Essa dinâmica foi utilizada com o intuito de sensibilizar para a observação do meio em que se vive, desde as mais simples plantas até as mais importantes construções arquitetônicas.

O segundo encontro teve como tema a preservação do patrimônio e sua importância para a sociedade e para o Turismo. Nessa aula, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer vários atrativos históricos e culturais do município de Belo Horizonte, refletindo a respeito de sua importância para a cidade, para sua população e para o turismo. Além disso, abordou-se casos e lendas de pessoas e lugares ilustres, como por exemplo, as referentes aos fantasmas que

assombram o Palácio da Liberdade. No decorrer do encontro, foi possível constatar que a maioria dos alunos não conhecia os espaços culturais nem os monumentos históricos da cidade. Os alunos, no decorrer da aula, iam tecendo comentários sobre os atrativos que eram a eles apresentados. Seus comentários demonstravam que, além de jamais haverem visitado aqueles espaços, sequer sabiam de sua existência. O mesmo ocorreu quando foram abordados os Parques naturais ou ecológicos urbanos na aula sobre meio ambiente. Seu interesse era demonstrado também por meio das perguntas que faziam, tais como: "como fazer para ir visitar? É pago? Qual o horário de funcionamento?"

A terceira aula teve como objetivo trabalhar elementos relativos à conservação do meio ambiente urbano, debatendo a necessidade de separar o lixo, de não jogar lixo no espaço coletivo urbano, de cuidar tanto das ruas quanto da escola. Ao final da aula, foram mostrados objetos artesanais, elaborados com material reciclado, cedidos pelo Curso de Ecologia do Centro Universitário de Belo Horizonte - UNI-BH. Os alunos puderam manuseá-los, o que despertou grande interesse pela maneira como são utilizados os resíduos sólidos para confecção dos objetos. Discutiu-se também sobre a possibilidade de comercialização desses produtos que podem, também, constituírem-se em fonte de renda com pequeno investimento. Os alunos demonstraram grande interesse em conhecer melhor a questão relacionada à reciclagem e à confecção de produtos por meio da reutilização de materiais diversos.

Visando criar oportunidade de continuidade de formação para os alunos, estes foram convidados para participarem, no semestre seguinte, das oficinas de reciclagem promovidas pelo Curso de Ecologia. Para isso, receberam as instruções necessárias quanto ao procedimento e locais para efetivarem a inscrição, caso se interessassem. Ao término da aula foram feitas também perguntas aos alunos a respeito do tema em pauta.

A visita ao Complexo da Praça da Liberdade

Após as três aulas ministradas na escola a equipe preparou uma visita guiada para os alunos, em uma manhã de domingo, ao Complexo da Praça da Liberdade incluindo-se a visita à área interna do Palácio da Liberdade. Para essa visita foi solicitada autorização por escrito dos pais ou responsáveis. Todos os custos foram arcados pelo projeto, não havendo, portanto, custos para as famílias das crianças e adolescentes. Os alunos reuniram-se na frente da própria escola onde um ônibus, oferecido pela equipe do projeto, os esperava. Durante o percurso, a equipe fez algumas recomendações sobre o comportamento durante a visita à parte interna do Palácio da Liberdade, explicitando o que era ou não permitido durante a mesma.

Chegando ao Complexo da Praça da Liberdade assistiu-se a troca da guarda e em seguida deu-se início à visita ao interior do Palácio. A visita foi guiada por monitores do próprio Palácio, preparados para essa atividade. As visitas eram realizadas em grupos com uma média de dez alunos, sempre acompanhados por um membro da equipe do projeto.

Durante a visita, as crianças demonstraram grande interesse, permanecendo atentas às explicações dos monitores que a conduziam. Seus comentários referiam-se ao tamanho e riqueza do Palácio e aos fatos e curiosidades que lhes eram contados, especialmente as histórias lendárias que o Palácio da Liberdade guarda. Indagavam a respeito do funcionamento do palácio, das condições estabelecidas para a visita, e, em alguns casos, apresentavam questões relacionadas à história da cidade e do Estado.

Em seguida, deu-se início a uma volta pela Praça da Liberdade quando os membros da equipe iam mostrando e explicando o significado e a importância de cada prédio localizado no entorno: Secretaria do Estado da Cultura, Secretaria da Defesa Social, Secretaria de Transportes e Obras Públicas, Secretaria da Fazenda, Secretaria da Educação, Prédio da Reitoria da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, Prédio “Rainha da Sucata”, Palacete Dantas, Sobrado Narbona, Museu Mineiro, Arquivo Público Mineiro, Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa. O conjunto arquitetônico da Praça da Liberdade despertou grande interesse manifestado por meio de indagações a respeito de que órgãos ocupavam os diversos edifícios que o compõem e sobre a possibilidade de conhecê-los internamente. Nessa interação com as pesquisadoras e monitores, e entre si, essas crianças não apenas conheciam um pouco da história e da ocupação atual daquele lugar, mas adquiriam certa desenvoltura em uma área da cidade jamais visitada por vários deles.

Após a volta na Praça dava-se por completa a visita ao Complexo da Praça da Liberdade. Dali retornava-se à escola, de onde cada um seguia para casa. A interação com os alunos e a observação da interação entre eles durante a visita, bem como no ônibus e no trajeto de volta, permitiram verificar o crescimento do interesse em conhecer o que acontece na cidade, da vontade de aprender e conhecer mais sobre o patrimônio histórico e cultural existente. As manifestações dos estudantes revelaram também uma transformação nas formas de comunicação entre si e com as pesquisadoras, quando comparadas à interação que ocorreria nos encontros realizados na escola. Naquela ocasião, a participação restringia-se ao cumprimento das tarefas propostas e, em alguns casos, na manifestação de interesse por questões específicas, como no caso da reciclagem já mencionado neste artigo.

Em relação ao conhecimento da cidade evidenciou-se que muitos deles não conheciam a região onde se localiza a Praça da Liberdade. Boa parte dos participantes manifestou verbalmente sua satisfação lamentando o não aproveitamento da oportunidade por parte dos colegas ausentes. De fato, havendo em cada turma em torno de 40 alunos a atividade de visita contou com mais ou menos 10 alunos de cada turma. Sobre este aspecto, algumas hipóteses foram levantadas pela equipe como possíveis explicações para a pequena participação. Uma delas refere-se à própria condução dos trabalhos na escola que pode não ter sido adequada para despertar o interesse em participar. É possível que essa temática exigisse abordagem diferenciada, uma vez que não se relacionava com o trabalho já desenvolvido pela escola.

Mesmo tratando-se de uma experiência pontual, percebe-se a sua potencialidade no que se refere à oportunidade de acesso a espaços públicos em geral distantes da experiência cotidiana de crianças e adolescentes de famílias de baixa renda que residem nos bairros mais distantes. Além disso, como conteúdo escolar, a cidade e sua história, a forma de distribuição da população e dos diversos serviços que a compõem por seu espaço, bem como as diferentes relações sociais que a ocupação do espaço revela e reproduz, podem tornar-se muito mais significativos quando se pode contar com a experiência direta. No caso dessa atividade, trata-se de uma experiência voltada para a exploração do patrimônio histórico-cultural, mas entendemos que a exploração da cidade, bem como a saída para outras localidades, se estruturadas para orientar o olhar e despertar a curiosidade, podem resultar em grande enriquecimento da experiência educativa.

Considerações Finais

Para finalizar, gostaríamos de destacar alguns elementos da relação entre turismo e educação, da exploração do patrimônio histórico-cultural para tornar as aprendizagens mais significativas, bem como da idéia de apropriação do espaço urbano pelas crianças e adolescentes.

Quanto às relações entre turismo e educação, parece-nos importante salientar não apenas o que se refere à difusão de conhecimentos de uma área específica através da escola. Entendemos que, cada vez mais, a comunicação entre as áreas de conhecimento deve ser potencializada, uma vez que a experiência social não se faz de modo compartimentado. No caso dessa experiência, isto significa que aprender sobre a cidade, seja em seus aspectos históricos, geográficos, econômicos ou culturais pode tornar-se mais significativo contando com atividades de campo que se utilizam de técnicas desenvolvidas na área do turismo.

Além disso, a experiência demonstrou que o turismo e os diversos elementos que o constituem não fazem parte da experiência dos alunos, nem mesmo se constituem em assunto de interesse dos professores da escola em que foi desenvolvida a atividade, uma vez que não se pôde contar com o seu envolvimento no projeto. Essa constatação exige, no entanto, avaliar a maneira como o projeto foi proposto à escola. Evidenciou-se que a ausência de referências a respeito da dinâmica da escola por parte das então estudantes de turismo constituiu-se em entrave ao desenvolvimento adequado da atividade. Ainda assim, é possível fazer algumas considerações. Se houve autorização para a realização do projeto, o mesmo foi, em alguma medida, considerado apropriado pela instituição escolar. Como projeto desenvolvido junto aos alunos no âmbito da escola, fez parte das experiências educacionais desses estudantes. Assim, o projeto deveria integrar-se às demais situações de ensino-aprendizagem ali desenvolvidas. Nessa direção, entendemos ser fundamental estreitar o diálogo entre as áreas de modo a realizar as ações de forma integrada e, sobretudo, de modo a que cada uma das áreas – o turismo e a educação – se beneficie dessa relação integrando métodos e esquemas interpretativos da realidade. Com isto queremos dizer que práticas que são do domínio da área do turismo, se aplicadas ao processo de educação escolar, como vem sendo feito em diversas situações, podem contribuir para o enriquecimento da formação dos estudantes.

Quanto à exploração do patrimônio histórico-cultural como recurso no processo de ensino-aprendizagem, destacamos a dimensão de visualização e a experiência direta com vestígios do nosso passado, bem como com diversos espaços que, além de guardarem a história da cidade, do Estado e do país, são palco de decisões, relações sociais e manifestações culturais da atualidade que dizem respeito a todos. Apropriar-se disso significa não apenas favorecer a compreensão, mas também o exercício de um direito.

Referências Bibliográficas

ÁLVARES, Lúcia C.; SILVA, Isabel de Oliveira e.; CAVALCANTI, José Euclides A. Educação e capacitação comunitárias para o turismo: um estudo dos pólos turísticos Caminhos do Norte e vales do São Francisco e do Jequitinhonha – MG. Balneário de Camboriú. Anais do II Seminário da ANPTUR, maio de 2005.

BLANCO, Enrique. Micro-redes de turismo de base comunitária: a experiência do V Fórum Social Mundial. Caderno Virtual de Turismo, n. 15: www.ivt-rj.net/caderno/editorial.htm, acesso em fevereiro de 2005.

BRASIL, Secretaria de Ensino Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais* (Introdução). Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARSALADE, Flávio de Lemos. Educação e Patrimônio Cultural. In: *Reflexões e contribuições para a educação patrimonial*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação/MG, 2002 (Coleção Lições de Minas), pp. 65-80.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Cultura escolar e cultura urbana no Brasil. *Presença Pedagógica*, v. 11, n. 66, nov./dez. 2005, pp. 40-43.

FIGUEIREIDO, Betânia Gonçalves. Patrimônio histórico e cultural: um novo campo de ação para os professores. In: *Reflexões e contribuições para a educação patrimonial*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação/MG, 2002 (Coleção Lições de Minas), pp. 51-64.

HORA, Alberto Segundo Spínola da; CAVALCANTI, Keila Brandão. Turismo pedagógico: conversão e reconversão do olhar. In.: REJOWSKI, Miriam; COSTA, Benny Kramer (org.). *Turismo contemporâneo: desenvolvimento, estratégia e gestão*. São Paulo: Atlas, 2003, pp. 207-228.

LOPES, Miriam Carmélia; AUGUSTO, Rita de Cássia Almeida; FRANCO, Virgínia Sofia. *Turismo pedagógico: um estudo sobre a formação para a atuação do bacharel em turismo*. Belo Horizonte: Centro Universitário de Belo Horizonte, 2004. Trabalho de conclusão do curso de turismo, 37p.

MERIGUE, Geancarlo L. O desenvolvimento de arranjos produtivos locais no turismo: o caso da região turística da Costa Leste de Mato Grosso do Sul. Caderno Virtual de Turismo, n. 15. www.ivt-rj.net/caderno/editorial.htm, acesso em fevereiro de 2005.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Elementos para uma abordagem crítica do turismo no ensino de primeiro e segundo graus. In: RODRIGUES, Adyr Balestreri. (org.). *Turismo e Desenvolvimento Local*. São Paulo: HUCITEC, 1999 (2ª ed.), pp.179-189.

SILVA, Isabel de Oliveira e; SCUSSULIM, Marcelo Roquette; VIEIRA FILHO, Nelson Antônio Quadros. Perfil e prática das agências especializadas em atividades turístico-pedagógicas em Belo Horizonte-MG. *Revista Turismo*, v. 4, n.1, pp. 33-42, jan./jun.2005.

SOARES, André Luis Ramos (org.). Educação patrimonial: relatos e experiências. Santa Maria: Editora UFSM, 2003.

SPEGLICH, Érica. Alquimia entre educação ambiental, tradições e identificações – um projeto de “resgate histórico-cultural” do bairro da Serra, Iporanga, SP. Poços de Caldas-mg: 26ª Reunião Anual da ANPED, 5 a 8 out. 2003.

STARLING, Mônica Barros de Lima; SANTANA, Sylvana de Castro Pessoa. Metodologia de Projetos: o patrimônio cultural no currículo do ensino médio. In: *Reflexões e contribuições para a educação patrimonial*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação/MG, 2002 (Coleção Lições de Minas), pp.91-106.